

O Potencial da Floresta

Por Rafael Martins da Costa

Cercada a oeste pela cordilheira dos Andes, ao sul pelo planalto brasileiro e ao norte pelo planalto da Guiana, as áreas baixas da floresta amazônica recebem um imenso aporte hídrico, formando caudalosos rios, que, em conjunto com a intensidade da radiação solar que chega na zona equatorial, são responsáveis, em grande medida, por essa característica tão conhecida da floresta: uma vegetação densa e muito variada, local de maior biodiversidade do planeta.

Porém, engana-se quem pensa que toda essa magnífica floresta está baseada em um solo rico, ótimo para pastagem e para a agricultura em grande escala. Em grande parte, o solo amazônico é arenoso, possuindo uma fina camada de nutrientes, formada pela decomposição de matéria orgânica, folhas e restos vegetais e animais. Quer dizer, a própria floresta gera seus nutrientes. Ao se derrubar a vegetação, resta um solo pobre, no máximo, usado como pastagem.

Essa realidade pode ser constatada com o surgimento dos projetos de construção de infraestrutura e de incentivos, principalmente, à pecuária. A região amazônica, no final do século XIX, viveu um grande ciclo econômico, com o advento da borracha, fabricada a partir do látex extraído da árvore conhecida como seringueira. Com a decadência desse ciclo, devido a concorrência da borracha asiática. A Amazônia só passou a entrar nos planos econômico dos governos brasileiros nos anos 60 e 70, com a construção de estradas e abertura de áreas de pastagem, em plena floresta.

Esse modelo de exploração da floresta entrou em choque direto com o modo de vida das comunidades tradicionais da Amazônia, como os seringueiros, por exemplo. Originários dos trabalhadores migrantes que foram trabalhar na extração de látex durante o ciclo da borracha, essa população seguiu vivendo ali, desempenhando o mesmo trabalho que seus antepassados. A derrubada das seringueiras, e de todas as outras árvores, prejudicava o sustento dessas famílias.

Se gerou um conflito entre pecuaristas e seringueiros. Foi neste contexto que surgiu a figura de Chico Mendes, extraindo látex desde criança, conhecia as dificuldades pelas quais seu povo passava e sabia que a destruição da floresta significava o fim do seu próprio povo. Se hoje se fala em proteção da Amazônia, isso se deve muito à luta dos seringueiros e de Chico Mendes, assassinado em dezembro de 1988, à mando de dois pecuaristas.

Atualmente, apesar dos ataques que a floresta continua sofrendo, - por madeireiras, pecuaristas e mineradoras - muitos projetos econômicos de menos agressivos têm se desenvolvido na região amazônica. São as chamadas **reservas extrativistas**, ou seja, áreas em que a população local possui o direito de viver e trabalhar, extraindo seu sustento da floresta, de forma sustentável. Aí encontramos cooperativas que trabalham com a extração de látex, açaí, castanha e outros produtos naturais. Se trata de um modelo de economia que protege a floresta, pois necessita dela para sobreviver, ou seja, a derrubada da mata significaria o seu fim e o desemprego da população.

Referências:

AB'SÁBER, Aziz. **Amazônia brasileira**: um macrodomínio. In: AB'SÁBER, Aziz. Domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

Chico Mendes: para nunca esquecer. 2019 (14min47seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d_0HPhE3Dj0>. Acesso em: 10 fev. 2019.

Moradores da reserva Chico Mendes buscam alternativas para sobreviver. 2015 (1h15min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2yVhyV8yuV8>> . Acesso em: 10 fev. 2019.